



D. Maria de Tangile (retrato a pastel pelo sr. A. Crotti)

N.º 251 Lisboa, 12 de Dezembro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 44800 réis — Semestre, 22400 réis
Trimestre, 14200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAGA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: *R. do Seculo*, 43



A HERNIA curada por 25 p.^{tas}

Mediante a nova e pratica ligadura americana **VIVES**. Esta commoda ligadura elastica, sem molas, não tem os defeitos que apresentam as ligaduras inglezas e francezas, ás quaes é muito superior em qualidade, commo- didade e perfeita contencção e cura — garantida da herida (quebradura). Offerecem-se a quem de- **5.000 PESETAS** mostrar o contrario, re- mettemdo-me a medida do corpo e indicando-me do lado que se deseja, e acompanhando o pedido da importancia, mandando este apparellho a todos os paizes do mundo, pelo correio, registado e franco de porte. Peça-se o folheto. Preço para um só lado, **25 pesetas** e para os dois lados **40 pesetas**. — *Rambal del Centro, 12, principal, BARCELONA, España.*

pesetas. — Rambal del Centro, 12, principal, BARCELONA, España.

A QUEBRADURA CURADA.

¿Veem esse pedreiro tapando uma abertura n'essa parede?



Da mesma forma curo eu a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura n'uma parede — a parede muscular que protege os intestinos e outros órgãos internos.

E' quasi tão facil curar uma ferida ou ruptura n'esse mu-culo, como uma n'um braço ou em uma mão.

Essa ruptura não é talvez maior do que a cabeça de um dedo.

Mas é sufficientemente grande para permitir que uma parte dos intestinos passem através d'ella. E essa ruptura não poderá cicatrizar, a não ser que a natureza seia ajudada.

E' isso, precisamente, o que se consegue com o meu Methodo, que permite conter a protuberancia dentro da parede e no seu proprio logar.

Depois emprego o Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o anel calloso que se formou ao redor da ruptura.

Então o processo de cicatrização começa. A natureza, já livre do intestino saliente e do anel calloso na abertura, e estimulada pela acção do Lymphol, seg'ega a sua provisão de lymph e a abertura é de novo occupada com novo tecido muscular.

Não é isto simples? Não é razoavel? Eu tenho provado os seus me-rcimentos em milhares de casos. E prova-los-hei a qualquer quebrado que me mande o seu nome.

Elle que me escreva e eu lhe mandarei pelo correio uma amostra g' autua do Desenvolvente Lymphol e um livro, lindamente illustrado, ácerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me mandem dinheiro. Mandem apenas nome e morada.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,
(ESPECIALISTAS)

(Dep't. S. 346), 8 & 9, STONECUTTER ST.,
LONDRES; E. C. INGLATERRA.

À VENDA
Almanach d'O SECULO
PARA 1911
À VENDA

OS
PHAROES

B. R. C.

ALPHA

São os melhores olhos do chaffeur



Agentes em Portugal: **BLANC FRERES**

CALLE ALCALÁ

MADRID

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS
PRINCEIA

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**

Numero telephonicos: Lisboa, 605 — Porto, 117

Nós podemos provar que os nossos agentes geraes ganham mais de 400000 rs. por semana. Quem ganhar menos de 50000 rs. por dia, deve escrever-nos de seguida. A nossa circular lhe ensinará o caminho a seguir, e o nosso artigo importado fará o resto. Necessitam-se cavalleiros, senhoras e jovens, dispond' de todo o seu tempo ou parte d'elle. Recompensa de 100000 rs. se não mandamos amostra gratuita a quem pedir. Estab-
limento **105, Horton Gd. Montrouge, Seine. France**

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

A BAILARINA LEONORA

No geral, o portuguez que viaja para se divertir e sobretudo o que viaja na idade em que o prazer constitue a lei suprema da vida, considera Paris como a obra-prima, creada pela civilisação humana, de uma cidade onde tudo, desde a

belleza das mulheres á indole do povo, se harmonisa e concilia para a concessão das maximas satisfações dos sentidos. Para esses, Paris, é um paraizo em que tudo é, como deve ser no paraizo, inexcitavel; e se lhe falarem da grandiosidade decorativa de Londres, da pompa em que se agita a sua vida cosmopolita, em hotéis que teem o fausto de palacios, em restaurantes que teem a amplidão de navas de egreja, em theatros que teem o esplendor dos contos de fadas—elles contemplar-vos-hão com os olhos amortecidos pelos vicios parisienses e guardarão comsig a obstinada crença de que toda a vida humana, na sua condensação



de belleza e de gozo, de magnificencia e de graça, se localisa na area atrahente d'esse Paris fascinador e incomparavel. Entretanto, sob os seus nevoeiros soturnos, trespasada pelas suas chivas melancolicas,



1—Leonora no bailado *Femina* no *Alhambra de Londres* 2—Leonora n'outra phase do seu bailado

enegrecida pela sua fumarada sombria, enregelada pelas suas neves periodicas, Londres é talvez a mais magnificente das cidades e aquella em que o luxo attinge os excessos orientaes de um sonho. Se Paris tem a graça que seduz, Londres tem o apparatus que impressiona. E para aquelles que avidamente procuram a satisfação dos sentidos, Londres reserva espectaculos incomparaveis. Não ides suppôr que tudo, n'essa cidade, que é a capital do mundo, tenha a gravidade hieratica e orgulhosa de uma pompa hirta, em harmonia com a morgue altiva do povo inglez.

Vinde commigo ao *Alhambra*, frequentadores extasiados do *Moulin Rouge*, das *Folies-Bergères* e da *Cigale*. Quereis ter em Londres essa atmosphera de voluptuosidade, essa alegria discretamente libertina, esse ambiente de luxo que vos excita e atordôam em Paris? Comprae por tres shillings um *fautail* de balcão, segui-me peio corredor tapetado, morno como uma estufa, onde creados que parecem ter servido no castello de um *lord* vos abrem, sollicitos, as portas de crystal; subi commigo as escadas sumptuosas e vinde assistir, no conforto de uma poltrona de tribuna real, entre mulheres decotadas, adornadas como idolos, de labios onde brilha o esplendor artificial do carmin, de olhos ampliados pelo *maquillage*—exactamente como em Paris!—a um espectaculo que a *Moulin Rouge*, com toda a sua coorte de mundanas e de devociosas, não pode proporcionar.

vos com frequencia. Vinde vêr dançar a formosa Leonora n'este bailado—feeria, a que chamaram *Femina* por a sua acção de prodigios coreographicos se desenvolver sobre a these de ser a vaidade e o luxo que governam o coração da mulher. Que importa porém a philosophia de um bailado, que elle seja a representação mimica do poder da vaidade sobre

e estamos na época barbara do bronze. *Femina* é a rainha da tribu. Todos os chefes estão perdidos de amor pela sua belleza e ella propõe, para resolver o amoroso litigio entre os seus pretendentes, que se realice um torneio, a cujo vencedor ella dará a sua mão. Mas terminado o torneio, já quando *Femina* pertence ao vencedor, o Espirito da Vaidade, encarnado n'um mancebo que regressa da caça carregado de trophéus venatorios, offerece-lhe os despojos magnificos da caça, estende a seus pés as pelles macias dos urso e as pelles mosqueadas dos leopardos, que ella accetta, regeitando em troca das daviadas opimas o amor ideal do triumphador.

E o deslumbramento scenographico ascende gradualmente, attinge no terceiro quadro um esplendor deli-ante, de sumptuosidade prodigiosa. Desenvolve-se a acção agora n'um templo assyrio, em cujo scenario estupendo evoludem cinquenta bailarinas e uma comparitaria vestida de ouro, de brocado, de purpura e de seda. O summo-sacerdote está enamorado da sacerdotisa *Femina*, que lhe regeita o amor. Entra então no templo o Espirito da Vaidade, disfarçado n'um principe, que vem offerecer ás divindades um thesoiro de joias e um jardim de flores. Mas a sua generosa piedade é apenas um artificio. E' á *Femina* que elle traz as pedrarias e as flores; e *Femina*, fascinada, aproxima-se, estende as mãos para o thesoiro. Interpõe-se o sacerdote,



Um novo trecho do bailado

o proprio amor ou que elle não tenha sigificação alguma, se para o que ides vêr não vos pedimos concentrações de pensamento nem analyses intellectuaes, mas apenas a attenção deslumbrada dos sentidos? O panno sobe. E' um paradisiaco jardim a scena, florido de rosas e de lirios, e a que as projecções electricas dão o colorido vaporoso de um sonho. O Espirito da vaidade descobre *Femina* adormecida á sombra de uma arvôre e accorda-a com um ramo de flores. Mas ella resiste ás suas propostas malignas. Para a tentar elle inventa então a Moda e cria o primeiro traje de Eva, feito de folhagens e de flores. *Femina* deixa-se fascinar e succumbe ao espirito da tentação. Muda agora o scenario

que despede o príncipe com o seu sequito e volta a implantar o amor de Femina. Ella exige como premio dos seus beijos as joias que adornam o idolo e o padre recusa, horrorisado pelo sacrilegio que Femina lhe propõe. Entretanto, pelas vastas escadarias que conduzem ao altar, as danças das sacerdotisas proseguem, com mutações phantasticas de côres, e um banquete orgiaco começa onde se exhibe a semi nudez de

mulheres lapidares, como só se vêem nos palcos de Londres e de Vienna. Excitado pelas danças, o Sacerdote atreve-se a profanar a idolo, sobe os degraus do altar, vem lançar ao colo de Femina os collares resplandescentes. Mas então as columnas do templo desabam e no meio da confusão Femina foge com o Príncipe, que invade a scena com os seus soldados.

E' depois Hespanha que surge Femi



na é uma gitana. Todas as danças da Andaluzia são bailadas n'um scenario que é uma maravilha de reconstituição. E' o maestro Valverde quem escreve a musica d'es-

te quadro de violencia sensual, em que Femina, tentada pela Vaidade, acaba por aceitar o amor de um toureiro, como a Carmen. Finalmente vem a apothese: o Reino da Moda, onde as combinações de côres, o fausto da guarda-roupa, os movimentos da comparsaria, a adencia das danças attingem o maximo do esplendor e do decorativo.

E entre a formosura das bailarinas, a belleza de Leonora refulge como n'uma noite de estio refulge Venus entre as constellações. Ella só, constitue um espectáculo. Envoltta em tunicas transparentes bordadas a palhetas de ouro e prata, a que as projecções electricas dão a fluidez de nevoas luminosas, ella parece uma estatua grega animada de vida por um milagre dos deuses, para regosijo dos mortaes. Nunca a imaginação dos poetas creou uma comparavel perfeição humana. De tão bella que é, chega a parecer casta a sua nudez de nympha. Todos os deslumbamentos scenicos que se succedem são apenas os pretextos decorativos para envolver n'um ambiente de sonho aquelle corpo harmonioso da eximia bailarina. E quando d'essa visão ideal os olhos se desviam para o sequito de faces amorosas que enchem a galeria do balcão com os seus labios escarlates e os seus olhos lubrificamente ampliados pelo klor, tem-se a sensação de descer do céu á terra, do sonho á realidade.

Vinde vêr ao *Alhambra* os bailados da Leonora, frequentadores embevecidos do *Moulin Rouge* e das *Folies-Bergères*.

A belleza não se refugiou em Paris, attrahida como vós pela philosophia libertina do parisiense. Vinde vêr a a Londres: a cidade das magestosas grandiosidades, que as neblinas envolvem como um *maillot* envolve a plastica de uma bailarina...



1—Leonora e Britta no grande bailado
2—Um passo do bailado *Femina* por Leonora

A GRÉVE DOS TELEPHONES

Os telephonistas tambem fizeram a sua grève. Lisboa esteve dois dias sem poder communicar pelos fios, sem poder falar atravez as distancias. Os empregados reclamavam o augmento de salario, diminuição d'horas de trabalho que a companhia lhes recusava.

Foi abandonada a estação, os grévistas aos grupos começaram a sua peregrinação a fazer paralyzar as linhas e dentro em pouco interrompiam-se as conversas de negocios, de politica, d'altos interesses, que já é um habito de commodidade manter pelo telephone.

Quatro das empregadas ficaram no posto central, onde a direcção as tratou com as maiores attentões a fim de por qualquer fórma não se interromperem totalmente as communicações o que de resto não se realisou porque ellas se recusaram a trabalhar. Finalmente por mutuo accordo, com transigencias dignas de lado a lado, os grévistas retomaram a tarefa recebendo um augmento de soldo e accetando a clausula de nove horas de trabalho que a Companhia impunha.



COMPANHIA DE TELEPHONES



1—As telephonistas proximo da estação 2—As telephonistas que ficaram na estação
3—Outras telephonistas perto do posto 4—Os grévistas á porta da estação telephonica
(Clichés de Benoliel)



A NOVA BANDEIRA PORTUGUEZA

A bandeira d'um povo parece ser a sua propria alma a agitar-se nos espaços. Commove e subjugá; não é apenas um simbolo; é uma vida que palpita ao vento, que ondula sobre as nossas cabeças como um incitamento e como uma deieza.

Os cavalleiros portuguezes com as suas signas brancas, onde sangravam as quinas, libertaram o torrão minguido da patria e á sua sombra sagraram Afonso Henriques. Foi essa bandeira tão simples que assistiu á formação do paiz; foi em volta d'ella que se uniram os batalhadores, os guerreiros o povo, nas horas das guerras contra os mouros, no Salado, por fim em Aljubarrota.

Na pópa das caravelas ousadas que iam á descoberta, a traçarem com as suas quilhas a legenda heroica de Portugal nos mares, fluctuava essa bandeira com a cruz vermelha bem espalmada como n'um arroubo de fé. A Africa tenebrosa viu-a passar; a mysteriosa India viu-a ondular nas suas fortalezas, entrar triumphante por toda a parte entre as hostes dos mais audazes cavalleiros do mundo.

Passaram as épocas e veiu a decadencia; essa bandeira deixou de ser victoriosa mas ficou sempre querida mais ou menos modificada,



Columbano Bordallo Pinheiro
que compoz o projecto da nova bandeira
de Portugal

mais ou menos sujeita ao capricho dos reis.

A dynastia foi decorrendo com as suas agitações, os seus delictos, as suas amarguras e um dia dois irmãos d'essa raça real bateram se um contra o outro, no assalto ao throno. Portugal teve uma nova bandeira, a que lhe deu o vencedor, azul e branco. Com essas côres se vestiram as mulheres do paiz, á sombra d'ellas



2—Uma anonyma collaboradora de uma grande tarefa 3—Columbano acompanhado dos srs. João Chagas, Abel Botelho e Ladislau Parreira, membros da commissão, examinando um especimen da nova bandeira.



1—O capitão de fragata Assis Camillo director da Cordoaria Nacional dirigindo os trabalhos de confecção da bandeira

D. Pedro IV venceu e expulsou D. Miguel. O constitucionalismo guardava o branco fundamental da bandeira e juntava-lhe o azul. Finalmente os republicanos portugueses nas suas cerimonias, nas



2—A officina de bandeiras na Cordoaria Nacional

Ladislau Parreira e José Palla compunham essa comissão que deu o seu parecer em 30 de novembro e que se pronunciou pelas cores encarnada e verde, as quaes foram adoptadas até que as Constituintes definitivamente resolvam sobre o importante assumpto.



3—Outro aspecto da officina de bandeiras
4—A bandeira tal como a projectava Junqueira (Clichés de Benoliel)

suas festas durante a monarchia arvoravam a bandeira verde e encarnada. Era como o symbolo da esperança em derramar todo o seu sangue pela liberdade.

Quando foi necessario escolher definitivamente a nova bandeira nacional houve discussões apaixonadas.

Junqueira, na sua linguagem d'ouro, defendera o azul e bran-





FIGURAS E FACTOS



O povo de Thomar tambem veiu a Lisboa saudar o governo provisório seguindo assim o exemplo das deputações d'outras cidades da provincia que com as suas visitas veem demonstrar a mais franca e leal adhesão á obra da Republica.



1 e 2—A manifestação do povo de Thomar a caminho do Terreiro do Paço onde foi cumprimentar os membros do Governo Provisorio.

(Clichês de Benoliel)

A FESTA DA BANDEIRA

O dia 1.º de dezembro foi indicado oficialmente para se fazer a festa da bandeira e o povo correspondeu da mais brilhante maneira a esse apello para a celebração do symbolo da patria.

Apesar da chuva torrencial as sociedades, as agremiações, as varias collectividades desfilaram na Avenida da Liberdade no meio do maior entusiasmo e ao som dos hymnos patrioticos.



1—A bandeira nacional no monumento dos Restauradores
2—O içar da bandeira a bordo do «Almirante Reis»

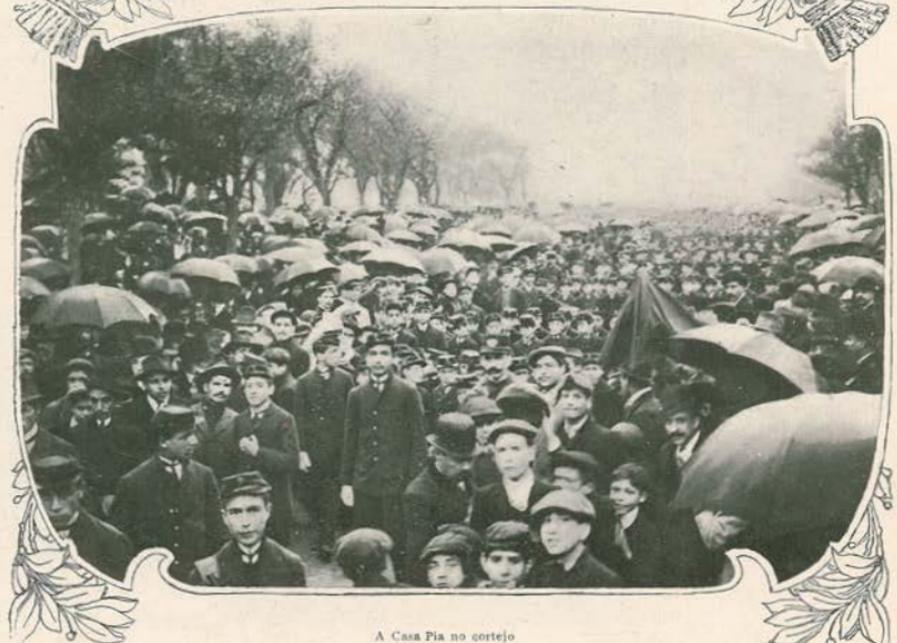


A guarda de honra á bandeira, formada
por alumnos da Escola do Exército em frente
do Município

Foi imponentissimo o cortejo. Apesar do temporal, incorporaram-se n'essa manifestação milhares de pessoas que saudavam d'esta forma a bandeira nacional. Representações de



O desfile dos alumnos do Collegio Militar na Avenida da Liberdade



A Casa Pia no cortejo



A passagem do cortejo na Avenida da Liberdade, sob a chuva torrencial



Os sargentos da armada desfilando

todas as classes, delegações do exercito e da marinha, sociedades particulares, a imprensa, o com



mercio, passaram em volta do monumento dos Restauradores onde a bandeira fôra arvorada, n'uma grande demonstração de preito.

Declarou-se dia feriado a data do 1.º de dezembro que antigamente era comemorada como a da libertação de Portugal do jugo hespanhol e agora é consagrada ao culto da bandeira.

Não foi só em Lisboa que essas manifestações se realisaram Promoveram-se festas por todo o paiz desde as maiores cidades ás mais minusculas aldeias marcando-se assim uma nova era de conscienciosa fé no futuro da patria symbolisada no estandarte n'aquelle dia saudado pelo povo.



O Athenes Commercial no cortejo da festa da bandeira

O CRUZADOR ALMIRANTE REIS



1—A chegada do ministro do interior a bordo do *Almirante Reis*

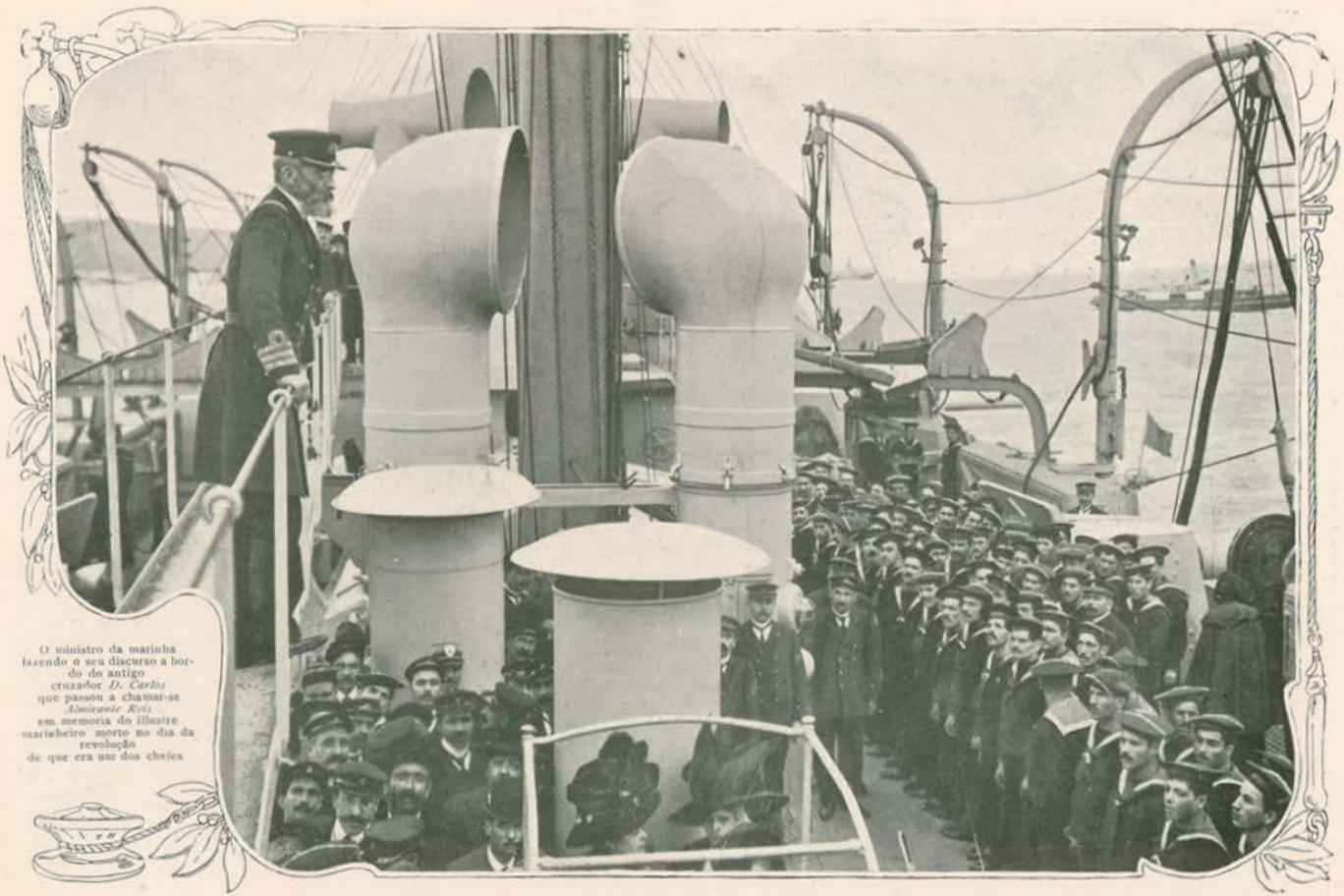
2—Os ministros da marinha e das finanças recebidos a bordo do cruzador *Almirante Reis* pelo major general da armada no dia da festa da bandeira

O antigo cruzador *D. Carlos* passou a chamar-se *Almirante Reis* em memoria do illustre marinheiro que foi o activo chefe da revolução que não devia vêtriumph. nte.

Candido Reis com a sua propaganda foi o



3—Os ministros da marinha e do interior, major general da armada, commandante do cruzador *Almirante Reis*, ministro das finanças e governador civil na ponte do cruzador



O ministro da marinha
fazendo o seu discurso a bor-
do do antigo
cruzador *Dr. Carlos*
que passou a chamar-se
Almirante Reis
em memoria do illustre
marcheiro morto no dia da
revoluçã
de que era um dos chefes



auctor do movimento de que sahiria a Republica mas julgando fracasada a açção que impulsou suicidou-se exactamente no momento em que se caminhava para a victoria.

O governo provisorio, a fim de prestar uma grande homenagem á obra do fallecido deliberou dar o seu nome ao cruzador, o que se fez com a maior cerimonia no dia 1 de dezembro destinado ao culto da bandeira.

O ministro da marinha em sentidas phrases, bem como os officiaes do comité revolucionario da armada, enaltecera per nte a tripulação a obra do almirante Reis. Os marinheiros, depois de ouvirem commoivamente as allocuções soltaram vivas á republica na occasião em que se descerrava a placa onde se inscrevera, como um titulo de gloria, o nome do almirante.



1—O capitão-tenente sr. José Carlos da Maia, um dos heróis da revolução, falando aos marinheiros do *Almirante Reis*. Junto do orador estão os srs. Ladislau Parreira e Machado dos Santos, chefes do movimento revolucionario

2—O ministro do interior falando à tripulação do *Almirante Reis*



54 Nota de imprensa: O desfile celebrado a uma banda portuguesa no seu caminho em direção ao México.—(Clôvis de Souza)

A GREVE DO MINHO E DOURO.



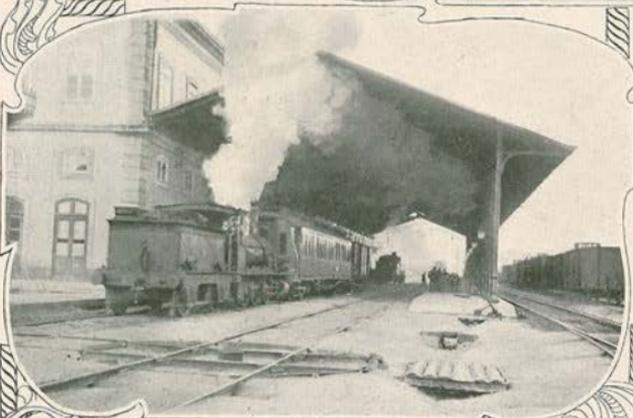
Uma passagem de nível guardada pelos soldados.

A paralyzação do movimento dos caminhos de ferro de Minho e Douro causou grandes prejuizos á Companhia que se viu embaraçada para resolver a grande greve do seu pessoal. Todos os empregados, na mais estreita união, na maior solidariedade, deliberaram abandonar o trabalho e prohibir por todas as fórmãs os transportes de passageiros e mercadorias nas linhas do



O club local onde se aggremlaram os grevistas (Clichés de Carlos Pereira Cardoso)

tos estranhos incitando os grevistas, e que eram elles os unicos causadores do prolongamento d'aquelle estado de cousas. Ordenou-se um inquerito de que foram encarregados srs. dr. Duarte Leite e Antonio Maria da Silva mas a greve mantem-se atravez de tudo no mesmo pé continuando paralyzado todo o movimento até que sejam attendidas as pretenções dos grevistas.



O primeiro comboio que sahio da estação de Campanhã depois da greve

A-FESTA-EM-INFANTARIA-5-



O ministro do interior visitou, em 3 de dezembro, o regimento d'infantaria 5, onde foi recebido com uma grande manifestação por parte dos officaes e soldados que escutaram entusiasmados uma patriótica allocução do sr. dr. Antonio José d'Almeida.



1—O sr. ministro do Interior falando aos soldados na parada do quartel
 2—Na parada do quartel: A chegada do ministro do Interior, acompanhado do coronel
 commandante do regimento e do sr. Santos Tavares, secretario
 do sr. ministro dos Estrangeiros 3—O «Viva à Republica» com que o capellão do regimento
 de infantaria 5 fechou o seu discurso—(Clichés de Benoliel)

O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO NA FLORESTA



O Sonho d'uma noite de Verão foi representado agora na Alemanha, na floresta de Nicolassea, propriedade do conselheiro privado Modestus, que é um grande apreciador d'arte scenica. A peça interpreta-

da por alumnos da escola preparatoria de Deutsches Theater, teve um extraordinario brilho e causou um grande successo não só pela magnificencia dos trajos mas pelo scenario cheio de belleza d'aquella floresta.



1—A marcha nupcial 2—A dança dos elfos (Clitêes Delius)

A-EXPOSIÇÃO
CROTTI NO SE
SALÃO-DA
ILLUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA



O pintor no seu atelier de Paris

O Salão da *Illustração Portuguesa* hospeda d'esta vez a obra d'um artista estrangeiro que é ao mesmo tempo um refugado político.

Augusto Crotti, pintor que tem corrido parte da Europa fazendo exposições da sua original maneira, foi um dos fundadores do jornal italiano o *Asino* que está filiado nas avançadas socialistas. Duas vezes a justiça o prendeu na sua patria em virtude das suas idéas e por fim o artista exilou-se indo procurar em Paris o refugio e o sustento.

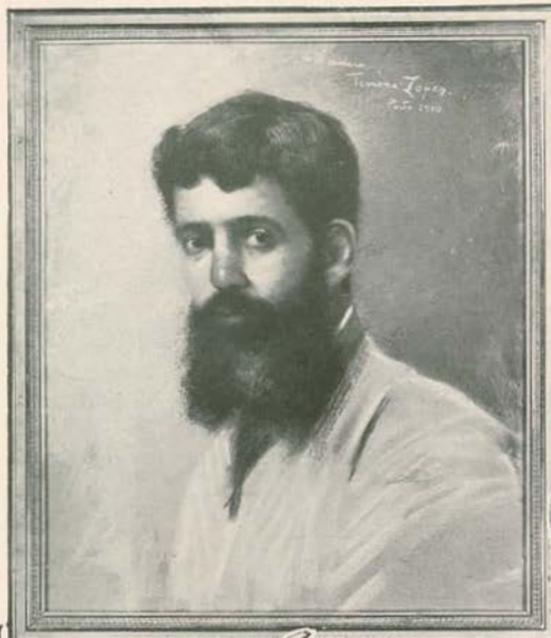
Installado na grande cidade recommençou os seus trabalhos apresentando n'uma exposição um bello retrato de Amilcare Cipriani, o grande revolucionario italiano, que duas cidades elegeram deputado para lhe abrirem a porta do carcere. A imprensa franceza foi unanime em elogiar esse trabalho do pintor assim como os outros que expoz e que, sendo d'uma maneira toda sua, tem por vezes um largo cunho de originalidade.

O crítico A. d'Atri escrevia o seguinte a respeito do artista na bella revista *L'Italie Illustrée*: «E' um homem que não tolera nenhuma violencia feita ao seu pensamento. Quer conceba bem ou mal uma obra ella é o espelho da sua psychologia e dá fielmente a imagem do seu pensamento. Também impõe-se desde logo á admiração do observador.»

«Um dia mette-se-lhe na cabeça que um fulano é um avaro sordido e se a nota da usura não apparece nitidamente na tela elle remedeia tudo com a legenda. Outra vez não via senão burros em volta; entrou no seu atelier e pintou tres cabeças de jumentos que são maravi-



Crotti pintado por elle mesmo



O retrato de Teixeira Lopes
por Crotti

lhas.» Mais tarde impressionado pela miséria e pela falta d'acção que ella origina, lançou na tela a figura d'um velho menigo roto e sujo conduzido n'um contraste—pela mão d'uma criança linda como os amores.»

Acêrca do bello retrato de Cipriani, diz ainda o mesmo critico:

«Vi em Amilcare Cipriani o valente revolucionario que sobrevive á sua época e a si proprio e que fecha a era do socialismo classico na Europa, e traçou a sua figura como a visão d'um leão forçado á inercia pelo renascimento dos homens e dos tempos. No rosto fatigado de Cipriani lembram admiravelmente como n'um relampago, os tres periodos da sua existencia: primeiro o patriota, depois o agitador insatisfeito, no fim o aborre-

cimento da sua propria inactividade.» Em todas as exposições onde concorreu teve sempre um lugar de destaque marcado pelas narrativas dos criticos d'arte.

Em Trieste o municipio comprou o retrato de Caponi, trabalho do artista, para o enviar ao riquissimo museu de Revoltella. Gustavo Geofroy, o illustre critico francez, escrevia no *Journal*:

«Conhecia o artista italiano Augusto Crotti simplesmente por ter falado d'elle com os seus colegas. Foi para mim uma revelação vêr a sua obra. Os quadros a pastel do pintor Crotti revelam a sua personalidade na *arte* sem par nos retratos, na exuberancia do colorido que não se encontra em nenhum dos nossos pastellistas como Carriez, Belleuse, Gu rande Scevola e Leandre que indiscutivel.



Trotin, pastel de Crotti



Estudo do nu, pastel de Crotti

mente são mestres n'este genero d'arte.»

Mais abaixo o mesmo escriptor continúa:

«Crotti não é da escola impressionista porque o desenho, apesar de nervoso, é bom e correctissimo, não se pôde dizer que seja classico pois se marca bem a sua maneira rebelde e é dos mais pessoases dos pastellistas do nosso Salon.»

Realmente é assim. A sua obra tem alguma coisa de muito pessoal, que dá á primeira vista uma impressão extranha imposta em todas aquellas telas sobretudo nos retratos entre os quaes se destaca o do artista.

No Brazil tambem o distincto pintor causou sensação como se pôde vêr pelo relato dos jornaes. O Estado de S. Paulo publicava o seguinte ácerca dos seus trabalhos:

«O sr. Crotti é sobretudo um artista original: tem uma maneira propria pos-

sue um colorido rico e que se por vezes se torna estranho para o leigo conquista o observador, ainda que o não convença de todo.

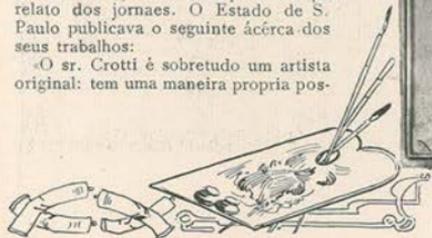
A cabeça da *midinette* que o artista expõe tambem no Salão da *Illustração Portugueza*, e que é uma das suas mais interessantes obras, mereceu ao critico do mesmo jornal a seguinte apreciação:

«N'aquelle retrato está consubstanciado o typo em que todos que frequentam o *boulevard* reconhecem logo um rosto que lhes é familiar.

«E' porque Crotti n'aquella cabeça tratada com mão d'artista reproduziu não só a physionomia da parisiense mas tambem o seu espiri-



Estudo de creança, pastel de Crotti



to e a sua graça que se destacam do seu olhar vivo e brejeiro.»

Em Paris expôz no Salão dos Amigos das Artes dois retratos de mulher que mereceram elogios e n'outras exposições trabalhos a que

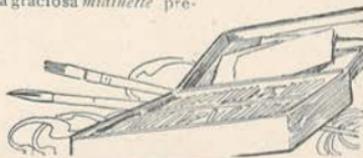
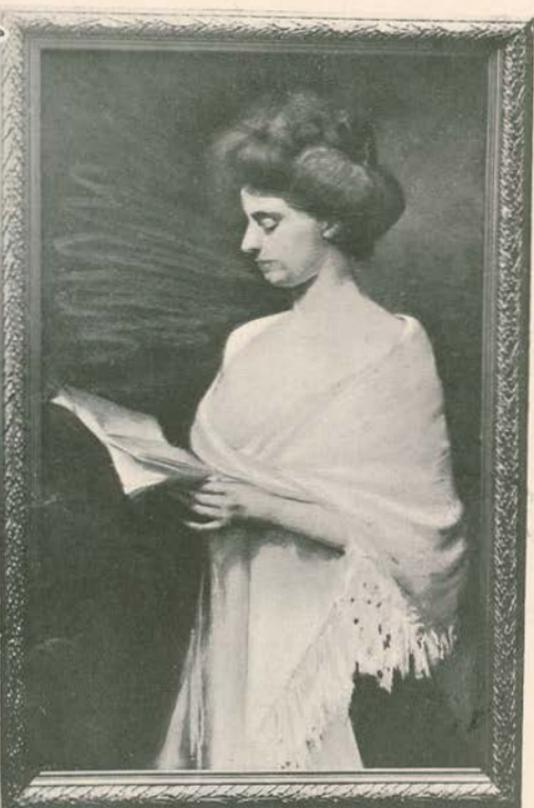
Geoffroy com tanto elogio se referiu.

A *Tribuna Italiana* trata-o d'esta fórma:

«A produção pittoresca de Crotti é quente, original, nervosa como o seu temperamento, todos os seus quadros teem superioridade, reproduzem sabiamente um estado d'alma que na realidade atravessam.

E' este o segredo da sua arte, livre e rebelde, que não correspondendo a nenhuma escola o conduziu á victoria. Um retrato de Crotti não é apenas um retrato é um quadro no verdadeiro sentido da palavra.»

Fala também com entusiasmo d'essa graciosa *midinette* pre-



Les lettres d'un innocent, pastel de Crotti, exposto no Salon des Artistes Français de 1899

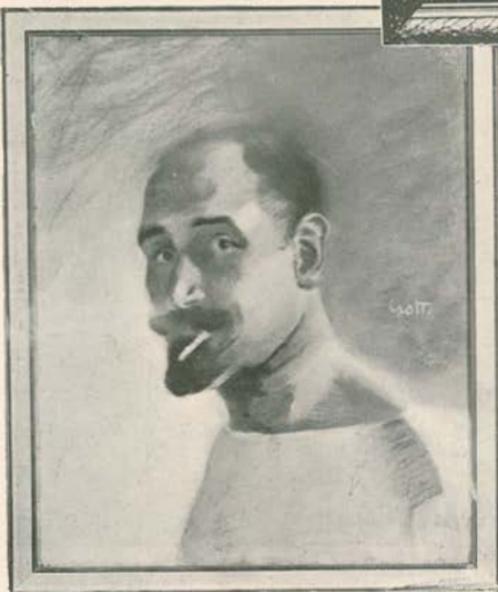
miada no Salão d'Outomno de Paris e d'outros quadros do artista com as seguintes palavras:

«Como todos os verdadeiros artistas conscios do seu valor, não disse ainda a sua ultima palavra em arte; o seu labor é um estudo que lhe abre novos horizontes, novos effeitos, e um futuro cheio de gloria.»

Eis como os criticos e os jornalistas estrangeiros apreciaram o original e singular pintor, o devotado amigo da sua patria cujos trabalhos estão expostos no salão da *Ilustração Portugueza*.



Crotti—estudo a pastel por elle mesmo





O GENIO DAS BATALHAS



Napoleão na tarde gloriosa de Marengo, vestido com o seu casaco branco que se tornaria legendário e seria vinte e um annos

depois a sua mortalha, ficou cabisbaixo, de rosto annuveado, como succumbido.

Ao largo galopavam os esquadrões n'um tropel ruidoso, as bandeiras da republica desfraldavam-se ao som dos clarins, todo um algazarrear épico soava no campo onde os austriacos tinham sido vencidos e o primeiro consul, já famoso, continuava triste. O estado-maior ficava sem comprehender, acabrunhado, abatido ao vê-lo assim e o conde de Segur, chegando de chofre, exclamou sem reparar n'aquella tristeza: Que bella victoria!

O genio da batalhas, volvendo para elle os seus grandes olhos negros onde o

brilho tinha cedido o lugar á mais maguada expressão,olveu:

— Sim. Mas Desaix! Se eu o pudesse abraçar depois da batalha como teria sido bello este dia!

O general, seu companheiro das Pyramides, tinha ficado no campo e esse grande homem que movia metade do mundo contra a outra metade, sentia uma grande piedade n'essa soberba tarde da batalha que devia encarar-se como uma das mais bellas obtidas pelo seu genio guerreiro.

No fundo esse grande capitão não era o monstro horrivel,



1—A vespera da batalha, quadro de Dupain 2—Os defensores da Agua quadro de Desvareux



litz o imperador olhando o vasto campo que lhe daria a posse de Vienna, d'onde annos depois devia partir uma archi-duqueza para partilhar o seu leito, fallava serenamente aos seus regimentos n'uma antevisão genial do que seria esse maravilhoso combate. Ia-lhes dizendo, n'aquella noite fria de dezembro, que as suas posições eram

Depois da carga, quadro de Chartier

sedento de carnificinas que d'elle quizeram fazer. Conduzia os homens á morte n'uma fatalidade, levado por um destino, transformava em lagos de sangueira os campos da Europa mas commo-via-se como se acordasse do seu grande sonho dominador no fim das batalhas para se tornar humano. Era uma aguia descendo das alturas.

Na vespera d'Auster



O general Laisalle carregando em Wagram, quadro de Guido Sgriste

formidaveis e que quando o inimigo quizesse cercar a direita do exercito lhe apresentariam o flanco para a derrota. Disse e passou lentamente diante dos soldados que para o festejarem alteavam as bayonetas onde tinham amarrado feixes de palha accessos

Morat em cena, quadro de Chartier

n'uma illu-
minação bi-
zarra. De seten-
ta mil boccas
retumbante de
viva o impera-
dor. Lá em bai-
xo os russos e
os austríacos,
diante d'aquel-
les fogos advi-
nhavam as po-
sições; os ge-
neraes france-
zes entravam a
ter maus pre-
sagios e Napo-
leão grave, cal-
mo, sereno, passava para a sua tenda de cam-
panha.

Amanheceu. Era pardo o ceu; os exercitos
estavam em linha de batalha. De repente os
russos começaram a sua marcha exactamente

como o imperador
previra. Elle estava
a vê-os avançar com
um brilho extranho
nos olhos e de roda
Sout, Murat, Lannes,
uma ala brilhante
de officiaes esperava
o signal de começar
o combate. A neblina
densa foi aquecida,
tornou-se rosada e
rompeu o sol. Napoleão
deu uma ordem; os
generaes partiram
n'uma galopada para
arrastaram as suas
divisões. Os solda-
dos faziam prodigios
e pela tarde aquelles
setenta mil francezes
que se defrontavam
contra noventa mil
russos e austríacos,
tinham apri-
sionado vinte mil
soldados inimigos e
tomado cento e oi-
tenta peças de arti-
lharia. A carnificina
fôra enorme, Napo-
leão vendo os russos
diante dos lagos ge-



lados obri-
gou-os a re-
cur ao mesmo
tempo que que-
brava a tiros de
artilharia os bloc-
os de gelo. Ficaram ali vinte
mil homens á
luz brilhante do
sol d'Austerlitz.
Alexandre da
Russia e o impera-
dor d'Austria
estavam aterrados. E Napo-
leão fallava assim d'essa ce-
leberissima bata-

lha a que os soldados chamaram a dos tres
imperadores:

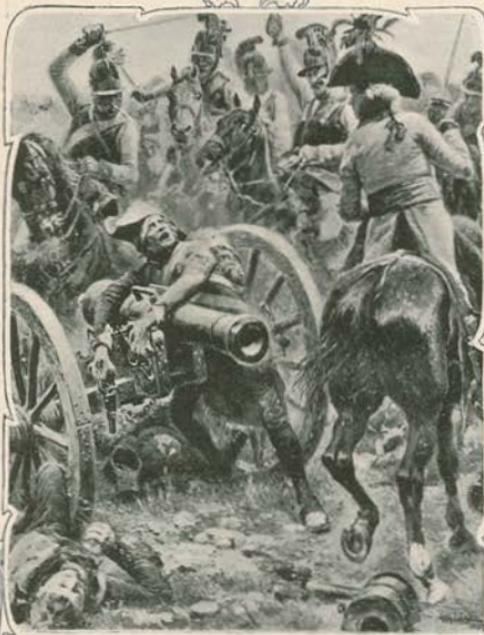
«Nunca um campo de batalha foi mais hor-
rível. Do meio dos lagos immensos saem ain-
da os gritos de milhares de homens que não
se pôdem soccorrer.

O coração sangra.
Possa tanto sangue
vertido, possam tan-
tas desgraças, reca-
hir emm sobre as
perfidias insulares
que as causaram.»

Era assim que elle
sentia depois das
carnificinas, instru-
mento do destino
que parecia batalhar
n'um sonho sem pe-
zares, sem dôres para
ao acordar soffrer
terrivelmente no seu
coração affectivo.

A batalha d'Eylau
foi tambem das mais
terribes. A neve da
Polonia ficou vermelha
por tanto sangue
espalhado.

Imperturbavelmen-
te o grande general
estava no meio da
sua brilhante guarda
junto ao cemiterio,
no alto da villa. Ne-
vava; fazia um
tempo horrível e
os russos do ge-
neralissimo Ben-



1—Uma visita aos Cozcos de Memnon durante a campanha
ao Egypto, quadro de Maurice Orange.
2—o artilheiro Barailler em Marengo, quadro de Lalauze

ningsem. arrastados pelos seus bravos officiaes, não recuavam diante da fuzilaria franceza, d'aquelle tiroteio tremendo que lhe disparavam. A artilharia ralhava nos cerros, uma fuma rada negra enchia o espaço, ouvia-se a marcha pesada do inimigo na sua avançada. De subito Murat, com o seu uniforme bizarro, costurado a oiro, mandou avançar a cavallaria e lá foi elle proprio, como um demonio, atrair vinte esquadres de couraceiros, dragões e caçadores a cavallo contra os russos espantados. Erguia o seu chicote e a cavallaria passava como uma torrente. Napoleão con-



tinuava imperturbavelmente entre a sua guarda, á sombra das bandeiras onde as aguias de oiro eram bem as aves de presa e de rapina. Augereau ficára ferido, Lepic corria com os seus granadeiros para o seio da outra ala inimiga. O canhoneio era fortissimo, terrivel, devastador. Quarenta mil mortos ficavam no campo; a neve era um lençol vermelho, extenso, infinito. Perdera a sua côr d'arminho; parecia symbolisar o dominio da purpura imperial quando o dia começou a raiar.

Na planicie gelada aquelles milhares de homens mortos, uniformes



1—Uma carga do 7 de hussards, quadro de Lalauze 2—Napoleão em Marengo, quadro de Perboyre



O almoço do imperador,

quadro de Gardette

francezes e russos confundidos, as bocas contorcidas, os olhos a dizerem o que fôra a horrível agonia, eram uma accusação formidável. Os cavallos jaziam para ali como abatidos n'um matadouro; canhões desmontados, carros abandonados, tudo isso, com os gemidos, com o côro lancinante das dôres, ao luar dos incendios das aldeias vizinhas, destacando-se no vermelho da neve, obrigou Napoleão a dizer:

«Este espectáculo é feito para inspirar aos príncipes o amor da paz e o horror da guerra.»

Os marechães ouviram-n'o em silencio sem o comprehenderem; e elle ficou entre os velhos granadeiros, a mão no peito, os olhos fixos n'aquella devastação como se não acreditasse ainda ser o seu auctor e o arbitro d'essa paz que só agora, após a chacina lhe recordava.

A sua gloria era immensa; ofuscara a do passado, sumira a de Annibal e a de Cesar; o seu nome reboava por toda a terra, o seu poder era immenso, quasi divino; a França adorava-o apesar de lhe tirar os filhos para os levar á morte e elle proprio se horrorisava da sua obra, ao escrever á imperatriz dois dias depois da victoria:

«Este campo está coberto de mortes e de feridos. Não é o mais bello aspecto da guerra; soffre-se, a alma opprime-se ao vêr tantas victimas.»

Wagram ficou com a legenda d'uma epopéa formidável. Cem peças de artilharia, sob o commando de Lauriston, atrovavam os ares e faziam cahir os soldados do archiduque Carlos.

Era uma hecatombe; vinte mil mortos de cada exercito jaziam no plaino, vinte mil prisioneiros austriacos, entre os quaes iam muitos feridos, caminhavam para o acampamento francez. O imperador d'Austria, do alto do seu torreão, vira a derrota e enviara um parlamentar. Bessiéres estava ferido. Repetia-se o horror de sempre que aquelle soldado corado chegava ás portas d'uma cidade com a sua guarda.

E elle atravessava agora o campo a cavallo, triste e pensativo, olhava para a direita e para a esquerda e via a desolação. Alguns feridos tinham collocado lenços nas bayonetas e ergulam-n'as como n'uma saudação; outros levantavam as cabeças e soltavam o seu viva ao imperador no estertor da agonia. Não poudo conter-se e nos seus olhos leu-se a amargura, no seu rosto espalhou-se a angustia.

Um espectáculo commovente e extranho foi a morte de Duroc. Esse não ficou n'uma grande batalha immortal, foi até a sua morte que deu renome ao combate de Reichenbach. O marechal foi attingido por uma bala, cahiu, ficou exanimado diante dos sol-



Morat carregando em Jena, quadro de Chartier



rechal estava ferido gravemente.

Largou tudo; chegou ao leito do agonizante, contemplou-o durante uns instantes, aterrado ao ouvi-lo pedir opio para acabar mais depressa. Depois baixou-se para elle, apertou-lhe a mão, olhou-o ainda uma vez, agarrou-se ao braço de Coulaincourt e sahio soluçando:

— E' horrivel! E' horrivel! Meu pobre

A vespera de Austrévitx
quadro
do grande pintor polaco
Chelminski

dados aterrados. Levaram-no em braços para a sua tenda; continuavam a galopar os esquadrões, fluctuavam as bandeiras; o imperador seguia através do seu oculo esse combate quando lhe vieram dizer que o ma-



A vespera de Montevail
quadro Gueldry

Duroc. Que desgraça!

E n'esse dia os generaes, o estado-maior, os dignatarios viram chorar o grande capitão. Morriam ao longe os echos da batalha; Napoleão curvou-se sobre a sua meza, co-



O regresso de Hespanha, quadro de Lalauze



Os últimos quadros de Waterloo, quadro de Henri Motte

meçou a escrever o seguinte: «Aqui jaz o general Duroc, duque de Frioul, grande marechal de palácio do imperador Napoleão, ferido gloriosamente por uma bala e mortos braços do imperador seu amigo.»

Juntou-lhe uma ordem para se comprar um terreno em Mokeisdoff afim de se erguer o monumento ao marechal.

Grave e cabisbaixo, muito pallido, o imperador entregou os dois papeis a Berthier sem pronunciar uma palavra.

Sentia profundamente aquella morte como de resto se compungira sempre depois dos combates. O genio das batalhas como todos os genios roçava pelo divino mas no fundo era bem humano.

Não era um imperturbavel como muitos o quizeram fazer; tinha commoções

extranhas que muitas vezes não se reflectiam no seu rosto de bronze, nos seus olhos scintillantes e dominadores como os das aguias.

Na batalha d'Essling, Lannes duque de Montebello, o violento general que tantas cousas abruptas dissera ao principe D. João em Portugal, ficara ferido.

Napoleão todos os dias pela manhã e á tarde o ia vêr ao hospital improvisado. Pensava apenas n'elle, já esquecera aquella bella victoria e ao vê-lo morto, avançava para o seu corpo, debruçava-se a beijal-o e a encher-lhe de lagrimas o rosto frio.

«Que perda para a França e para mim—disse o imperador.»

Berthier procurava affastal-o d'ali e elle não queria retirar-se. Ficou durante uma hora. Em roda o estado maior via-lhe as lagrimas e a commoção.

Houve ainda muitos annos de epopea, seguiu a maravilhosa aventura do pequeno tenente corso feito imperador. Redobrava de audacias; queria para si o universal dominio e os gelos da Russia sepultavam-lhe os exercitos, os incen-



A savana de Waterloo, quadro de Checa



giões, se mostrava sensível ao mal que fazia. Napoleão, o frio insensível, o homem que Walter Scott achava terrível e Goldschmith um monstro com leto era um affectivo. Passava na terra como um turbilhão; gerava hecatombes; era o homem dos flagellos. Dava batalhas como Deus manda os cataclysmos. Era o destino. Depois apiedava-se e do fundo da

diões de Moscou repeliam os soldados, um rasto de cadaveres ficava desde os campos russos até ás fronteiras francezas.

A neve de Berezina empanava o sol d'Austerlitz; a aguia molhava as penas nas geleiras e ia habitar nos palmos de terra da ilha d'Elba enquanto não lhe davam por throno uma escarpa; mas um dia bateu de novo as azas, n'um ephemero vôo de cem dias que mais foram uma agonia do que uma gloria e por fim foi ser mortalmente ferida em Waterloo. E sempre ao acordar dos seus altaneiros sonhos, ao baixar á realidade, esse soldado coroado que parecia querer despovoar o mundo com as suas batalhas, em que cahiam le-

sua alma de corso supersticioso vinha o pesar, as mostras d'affectividade.

Em Santa Helena, já bem doente, sonhando com a morte para breve, dizia n'uma recordação dos seus generaes que vira morrer e a quem causara a morte.

«Vou juntar-me a Kleber, Desaix, Lannes, Massena, Bessiéres, Duroc, Ney! Virão ao meu encontro, sentirão uma vez ainda a embriaguez da gloria humana. Fallaremos do que fizemos juntos, conversaremos de guerras com Cesar, Turenne e Frederico o Grande, se lá em cima como cá na terra não houver o receio de vêr tantos militares juntos.»

Não era o remorso; era a saudade que o fazia ainda murmurar na agonia:

«Meu filho, o exereito, Desaix...»

E com o pensamento das cousas amadas morreu o genio das batalhas. Socegava a terra; a aguia não beberia mais sangue, não dilaceraria mais cadaveres.



1—A noite de Waterloo, por Chaperon 2—O caminho da Gloria, quadro de Raffet

**Grande
revolução!**



Completa novidade em bicyclettes com rola-mentos, esphericos sem cones nem caixas, nunca desafinam. Esta grande novidade só se encontra na **Casa Simplex** de bicyclettes, discos e machinas fallantes de J. Castello Branco, rua de Santo Antão, 32-34 e rua do Socorro, 23-B. Endereço telegraphico: «Simplex». Telephone 2975.

Brevemente novo catalogo.



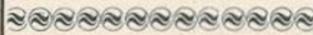
Coke inglez

PARA COZINHA

O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 125, 2.º

TELEPHONE 1738



COMPREM AS

Sedas Suissas

Peçam as amostras das novas Sedas Novidades de primavera e do verão para vestidos e biasas:

Diagonal, Oréon, Surah, Meira, Crêpe de China, Feuillard, Mousseline 130 cm. de largura a partir de fr. 1,35 o metro, em preto, branco e cor assim como as biasas e os vestidos bordados em «boliste», «solaie» e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, **directamente aos particulares e francas de porto a domicilio.**

Schweizer & C.º

Lucerne E Il (Suissa)

Exportação de sedas

Fornecedoras da Côte Real

Agencia de  **VIAGENS**
ERNST GEORGE
SUCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA, 8-LISBOA

Viagens baratissimas
à TERRA SANTA

Ourivesaria **“CHRISTOFLE”**

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obter a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do **SEculo**

LISBOA



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre
chromante e physionomista da Europa



MADAME
Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamiroze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA.

Consultas a 1800 rs., 2500 e 3000 rs.

**Ser bonita é muito!
Agradar é tudo!**



Os **Frisadores Electricos de West** transformam por completo o rosto da mulher! Uma cabeça bem frisada chama a attenção aos maiores indifferentes! Os **Frisadores Electricos de West** são indispensaveis em todo o toilette, pois que em poucos minutos frisa ou ondoja a cabeleira mais opulenta, não queimando nem danificando o cabelo! Vivifica e auxilia a raiz pois está impregnado d'electricidade que evita a queda do cabelo.

Preço: 5 frisadores 600 rs. Correo 600 réis.

Sabonete Verbena Este sabão, delicadissimo, fica a pele tornando o rosto limpo e macio. Preço 533 réis. Correo 330 réis.

Pastilhas Quentin Perfumum deliciosamente a bocca, evitando a desnoção dos dentes. Preço 400 rs. Correo 450 rs.

A^a venda na

PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141 Telephone 2777

Deposito geral: Rua Concoção, 46, 2.^a-Esq.^a

BAUME BENGUÉ
Cura Totalmente
**RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS**
D^o BENGUÉ, 47, rue Biot, Paris, e em todas as Pharmacias.



Melo seculo de successo
ESTOMAGO
O **Elixir do D^o Mialhe**
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
A^a venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

OLD ENGLAND

Colossal sortimento de fazendas de inverno
Padrões genuinamente inglezes. Qualidades superiores. Fazendas modernissimas. Rapidez de execução. Acabamento e corte perfeitissimos

Secção de Camisaria

Secção de Alfayateria

Secção de Artigos de Viagem

Mestre de corte approved e diplomado pela «Academia Minister» de Londres

Mandam-se amostras para a provincia e tomam-se encomendas, sem necessidade de provar

GRANDES ARMAZENS INTERNACIONAES

OLD ENGLAND

Rua Augusta (esquina da rua de S. Nicolau. Predio todo) LISBOA

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

fazem-se nas officinas da **Illustração Portuguesa**, postas á disposição do publico executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexecelivel perçieção.

ZINCOGRAVURA E PHOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobrado ou nickelado.

Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo = o de trichromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREOTYPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.